

59.

A necrópole medieval e moderna de Mértola: arqueologia funerária

CLARA RODRIGUES, NÉLIA ROMBA E MARIA DE FÁTIMA PALMA

CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA- BOLSEIRAS DA FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA/FCT

Resumo

Em Mértola os trabalhos arqueológicos desenvolvem-se desde 1978. Através destes, hoje temos um vasto conhecimento dos diferentes períodos históricos e das diversas funcionalidades das estruturas escavadas.

Na zona alta da vila foram postos a descoberto uma densa necrópole da Baixa Idade Média/Moderna, um intrincado bairro de época islâmica e um impressionante complexo religioso paleocristão que integra um criptopórtico, um baptistério do séc. VI e um interessante conjunto de mosaicos de forte influência bizantina, os quais tem sido largamente estudados e divulgados. Depois da conquista cristã, em 1238, toda esta zona, antes ocupada pelo bairro islâmico, é transformada pelos vencedores em cemitério de onde já foram exumadas mais de 700 sepulturas. Desta densa necrópole é possível recolher inúmeras informações antropológicas e arqueológicas. Numa altura em que temos muita informação recolhida, há a necessidade de apresentar a planta geral da necrópole com o número de sepulturas, a sua localização no espaço e a respectiva tipologia, possibilitado um melhor conhecimento do mesmo. Este é um trabalho em progresso, visto que as escavações prosseguem neste local e todos os anos são exumados novos indivíduos, possibilitando a continuidade do estudo e também a análise dos dados mais antigos.

Abstract

Archaeological works have been underway in Mértola since 1978. Through these works, we have today a vast knowledge of different historical periods and the several functions of the structures that were uncovered.

In the higher part of the town a dense necropolis from the Late Middle Ages / Early Modern period was uncovered, along with an intricate Islamic neighbourhood and an impressive palaeo-Christian religious complex integrating a cryptoporticus, a 6th century baptistery and an interesting set of mosaics of strong byzantine influence, which has been widely studied and publicised. After the Christian conquest, in 1238, all of the area formerly occupied by the Islamic neighbourhood was transformed by the victors into a cemetery, from where over 700 graves were already exhumed. It is possible to gather much anthropological and archaeological information from this dense necropolis. Having already gathered much information at this time, the need arises to present the general plan of the necropolis with the number of graves, its location and type, which allows for a better understanding of the site. This is a work in progress, since the excavations continue in this site, and every year new individuals are exhumed, enabling further study and also the analysis of older data.

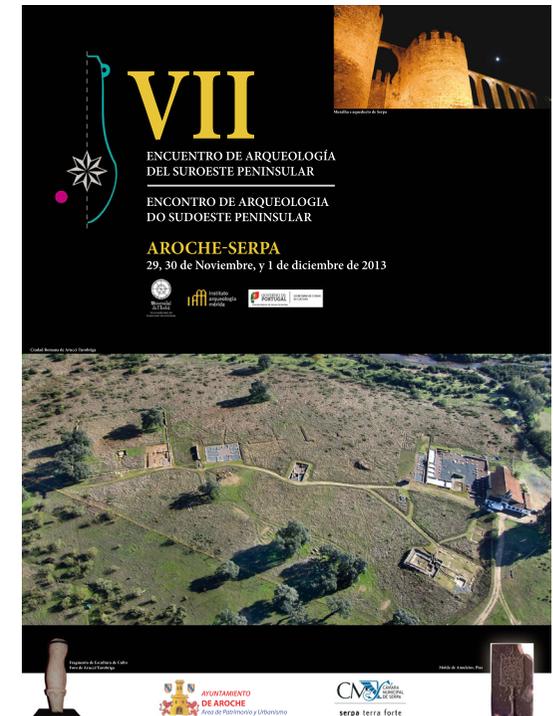




Fig. 1 – Vista geral da Alcáçova do Castelo de Mértola.



Fig. 2 – Fotografia do antigo cemitério junto da Igreja, em 1940. Fotografias do Arquivo da Direcção - Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN).

ALCÁÇOVA DO CASTELO DE MÉRTOLA – BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Os trabalhos arqueológicos em Mértola desenvolvem-se há mais de trinta e cinco anos, sendo a zona mais alta da Vila o sítio inicial das investigações nesta pequena povoação. A Alcáçova do Castelo de Mértola situa-se na área mais alcantilada do espaço intramuros, foi o centro militar e religioso. No seu topo, o Castelo dominava a vila, aos seus pés, edifícios religiosos sacralizavam um espaço dominado pelos representantes do poder (Fig. 1). Na vertente norte da encosta do Castelo, o possível *forum* da cidade romana cria uma plataforma artificial, suporte do mais imponente conjunto monumental da velha *Myrtilis*. Todo este espaço, aplanado artificialmente, assentava na muralha e numa galeria subterrânea, o criptopórtico, com cerca de 30 metros de comprimento e 6 de altura que serviu de armazenamento alimentar e mais tarde de cisterna.

Na Antiguidade Tardia, foram erigidas sobre o criptopórtico um conjunto de sumptuosas construções religiosas. Entre estas contam-se as ruínas de um baptistério do século VI, na altura revestido de mármore e rodeado por um belo conjunto de mosaicos policromos de que restam alguns fragmentos significativos. Os mosaicos apresentam uma rica figuração de animais e cenas de caça, com especial destaque para a representação de um cavaleiro caçando com um falcão e para uma composição de dois leões afrontados separados pela árvore da vida. Estes mosaicos contam com paralelos em edifícios religiosos do Mediterrâneo Oriental do século VI.

Em época islâmica, no decurso dos séculos XI e XII e inícios do século XIII, toda esta zona é ocupada por um bairro habitacional. Na segunda metade do século XII, um conjunto de obras públicas teve lugar na área a que chamamos hoje zona palatina, nelas se incluiu um amplo programa de remodelação da mesquita.

Do bairro conhecemos cerca de vinte casas, todas elas têm basicamente as mesmas estruturas: um átrio servia de mediação entre o exterior e o coração do lar, cujo centro era um pátio central descoberto, com ou sem tanque. Através deste pátio, chegava-se a um ou vários salões, com as suas respectivas alcovas, à latrina e à cozinha, em algumas delas com áreas diferenciadas para a confecção e para o armazenamento dos alimentos. Este bairro possui um bem delineado traçado de ruas e a concepção de sistemas de saneamento. A rede viária organizava-se, na

extensão até agora posta a descoberto, em eixos delineados em linhas perpendiculares entre si. A área habitada era estruturada por duas ruas que delimitavam a alcáçova a norte e a oeste (Macías 2005).

Depois da conquista cristã de 1238, o bairro é completamente abandonado e o espaço que se foi aplanando é adaptado a cemitério aquando da cristianização da Mesquita que é convertida em Igreja, pela Ordem de Santiago. É nesta altura que este espaço, muito próximo da Igreja, começa a ser utilizado como campo de enterramento, cemitério. Este era um campo-santo, alargado e com alguma dimensão onde se sepultavam os entes queridos, numa altura em que o estatuto e o poder económico diferenciavam aqueles que podiam pagar para serem sepultados junto da Igreja e aqueles que teriam que ficar mais longe. Desta forma, era em torno das igrejas ou no seu interior que se enterravam os mais abastados. A matriz cultural da altura acreditava que quanto mais perto das igrejas fossem enterrados os corpos, mais perto de Deus estariam ou o seu caminho até ao firmamento seria mais célere.

Esta necrópole terá tido um longo período temporal entre a época medieval e moderna, evidências comprovadas arqueologicamente pelas sepulturas escavadas as quais já ultrapassam, em grande medida, as sete centenas. No entanto, testemunhos mais recentes mostram-nos que a prática de sepultamento neste local terá durado até inícios do século XX, mesmo depois da construção do Cemitério Municipal em 1896, que se situa um pouco mais ao lado. Demonstrativo da durabilidade deste primeiro cemitério, até à centúria dos anos cinquenta do século passado, são as fotografias do Arquivo da Direcção - Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) dos anos quarenta do século XX (DGEMN 1953) (Fig. 2), onde podemos ver a Igreja ainda com um pequeno cemitério na zona Oeste. Recordam-se e certificam os naturais de Mértola, os que já ultrapassaram os sessenta anos, que neste local havia um cemitério e a respectiva "carneira". Este já não era o cemitério principal mas ainda detinha reminiscências dos enterramentos que ali haviam sido realizados. Note-se pela imagem que o espaço já era diminuto, em relação ao número de sepulturas escavadas pela equipa do CAM e em relação à área hoje denominada como Alcáçova do Castelo. O aparecimento de moedas datadas entre o século XIII e finais do século XVIII, provenientes das sepulturas e



Fig.3 - Fotografia do antigo cemitério junto da Igreja, em 1940, e a respectiva Carneira do lado esquerdo. Fotografias do Arquivo da Direcção - Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN).



Fig.4 Fossa simples abertas no substrato existente - Sep.743



Fig.5 Fossa simples aberta no substrato com a cabeceira lateralmente delimitada por pedras ou lajes de xisto e por tijolos reaproveitados do bairro islâmico - Sep.648



Fig.6 Fossa parcialmente delimitada na parte superior ou inferior por pedras e lajes de xisto ou tijolos - Sep.639

das terras em volta, vem reforçar o que se supõe ter sido o espaço temporal de ocupação da necrópole cristã, ou seja, cerca de 500 anos de enterramentos desde a reconquista cristã até ao abandono devido à construção do novo cemitério na segunda metade do século XIX. Até meados do século XIX esteve em uso o cemitério junto da Igreja Matriz que, em meados do século XX ainda se encontrava murado enquanto a área mais antiga se encontrava completamente abandonada (DGEMN 1953) (Fig. 3).

Se por um lado pensarmos que toda esta extensa necrópole se estabeleceu sobre o antigo bairro islâmico da Alcáçova, a ideia seria que o bairro estaria altamente destruído pelas inúmeras fossas de enterramento. Contudo, toda a sequência estratigráfica desde época romana foi preservada por esta necrópole, que por um lado foi factor de perturbação da estratigrafia, mas que por outro foi factor de conservação das estruturas. Isto é, o contexto funerário com uma longa duração temporal não permitiu construções posteriores, as quais poderiam ter destruído os níveis estratigráficos mais antigos e mais recentes.

A escavação desta densa necrópole, com enterramentos confirmados entre o século XIII e XVIII, está a permitir reconstruir rituais funerários, e alguns hábitos da alimentação e da saúde dos habitantes de Mértola na Baixa Idade Média e nos alvares do Período Moderno.

ANÁLISE DAS ESTRUTURAS FUNERÁRIAS DA NECRÓPOLE MEDIEVAL E MODERNA

A Necrópole Medieval e Moderna de Mértola estabelece-se dentro do recinto amuralhado e abrange uma extensa área, composta por zonas arqueológicas que assumem diferentes topónimos, consoante o espaço intervencionado e o ano em que decorreu a escavação da referida área. Assim, temos os seguintes espaços: Alcáçova do Castelo 1978/2013, Encosta do Castelo 1989/2013, Largo da Igreja 2003, Mesquita Igreja Matriz 2004 e Biblioteca Municipal 2005 (Planta1).

Dada a proximidade dos espaços, em redor da Igreja Matriz de Mértola, quando se iniciaram os trabalhos de escavação nas zonas denominadas Largo da Igreja, Mesquita Igreja Matriz e Biblioteca Municipal, já se pressupunha encontrar a continuidade desta necrópole. Facto comprovado pelo estudo efetuado nas sepulturas

que foram intervencionadas e que apresentam as mesmas características do que as já estudadas, no que se diz respeito à tipologia das sepulturas, dos enterramentos e dos rituais funerários.

Ao longo de mais de 35 anos de trabalhos de campo realizado por diversas equipas e voluntários do Campo Arqueológico de Mértola, foi possível colocar a descoberto 777 sepulturas. A análise documental, funerária, os rituais funerários e o estudo dos artefactos permitiram datar o uso desta necrópole entre os séculos XIII e XVIII. Nas zonas arqueológicas, Encosta e Alcáçova do Castelo verificou-se que o campo mortuário sobrepõe-se, ou em alguns casos, destrói vestígios arquitectónicos pertencentes a edifícios da antiguidade tardia e de um antigo bairro islâmico (Planta1). Em muitos dos casos a estrutura da fossa sepulcral e a sua cobertura são por vezes construídas reutilizando materiais provenientes dessas mesmas ocupações. Porém, o que por um lado pode ser um factor de destruição, a implementação de uma necrópole por cima de outras estruturas, foi neste caso um factor de preservação para as mesmas, nomeadamente, no que respeita a actos de vandalismo, pois o respeito pela morte evita-os, tal como as construções mais recentes.

Fig. 7 Fossa totalmente delimitada por lajes e pedras de xisto ou tijolos – Sep.745.

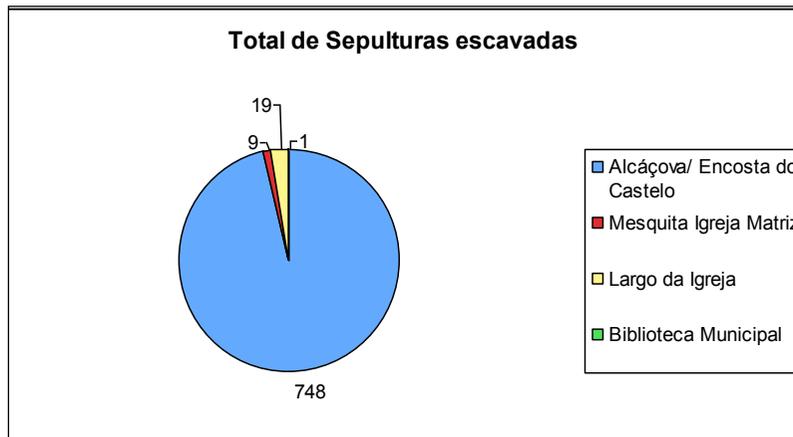


Gráfico nº 1

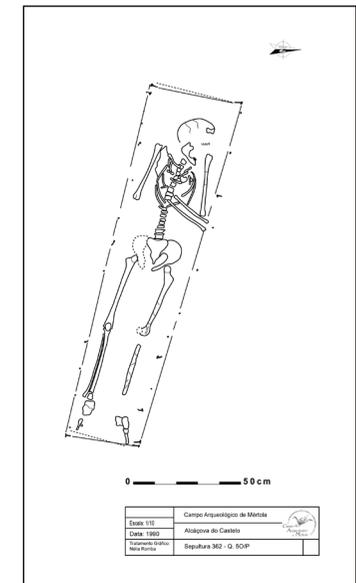


Fig. 8 Caixão - Esta tipologia é atestada, apenas, pela presença, número e disposição de pregos em volta do indivíduo – Sep.362.



Fig. 9 Enterramento coletivo primário com redução de um ou mais indivíduos em seu redor. (Reutilização da sepultura) – Sep.373.



Fig.10 Enterramento coletivo primário de dois ou mais indivíduos em simultâneo – Sep.595.

A Análise funerária revelou que estamos perante uma necrópole de inumação, cujas sepulturas apresentam cinco tipologias:

- 1- Fossas simples abertas no substrato existente – 448 sepulturas (Fig. 4).
- 2- Fossas simples abertas no substrato com a cabeceira lateralmente delimitada por pedras ou lajes de xisto e por tijolos reaproveitados do bairro islâmico – 224 sepulturas (Fig. 5).
- 3- Fossas parcialmente delimitadas na parte superior por pedras e lajes de xisto ou tijolos – 90 sepulturas (Fig. 6).
- 4- Fossa totalmente delimitadas por lajes e pedras de xisto ou tijolos -13 sepulturas (Fig. 7).
- 5- Caixaão - Esta tipologia é atestada, apenas, pela presença, número e disposição de pregos em volta do indivíduo – 2 sepulturas (Fig. 8).

	Alcáçova/ do Castelo	Encosta Mesquita Igreja Matriz	Largo da Igreja	Biblioteca Municipal
Fossa simples	429	2	16	1
Fossa simples com cabeceira	224			
Fossa parcialmente delimitada	82	5	3	
Fossa totalmente delimitada	11	2		
Caixão	2			

Tabela nº 1

Uma análise pormenorizada ao enterramento indica-nos que alguns dos indivíduos foram sepultados envoltos num sudário, indicações que nos são dadas não só pela presença de alfinetes, mas também pela forma como os ossos se encontram dispostos. Por outro lado, destacam-se alguns casos em que é possível verificar a existência de almofada funerária, confirmada, pela presença de pedras, lajes ou tijolos colocados por baixo do crânio, ou simplesmente uma porção de terra mais elevada. Existem, porém, casos em que a almofada funerária não está presente mas a posição em que encontramos o crânio e a mandíbula, nos indicam a possibilidade de esta ter existido, talvez em material orgânico que se degradou.

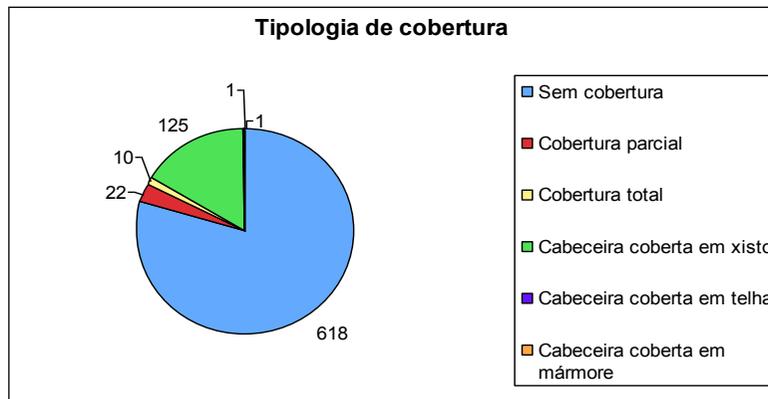


Gráfico nº 2

Como se pode verificar no gráfico nº2, a maioria das sepulturas não apresenta qualquer tipo de cobertura, no entanto, quando existe é realizada parcialmente (Fig. 16) ou totalmente por lajes de xisto (Fig. 17). Ou pode apresentar, simplesmente, a cabeceira revestida por laje de xisto (Fig. 18), telhas (Fig. 19), tijolo ou mármore (Fig. 20), reaproveitados das construções das ocupações anteriores. A preferência pelo xisto sobrepõe-se apenas por se tratar de um material local e de fácil acesso.

Fig. 11 Decúbito dorsal (segue a regra dos enterramentos cristãos, na grande maioria dos casos com a cabeça orientada a W e SW) – Sep.739.



Fig. 12 Decúbito ventral – Sep. 150.



Fig.13 Decúbito lateral direito – Sep.385.



Fig. 14 Decúbito lateral esquerdo – Sep.368.

	Alcáçova/ Encosta do Castelo	Mesquita Igreja Matriz	Largo da Igreja	Biblioteca Municipal
Sem cobertura	593	5	19	1
Cobertura parcial	22			
Cobertura Total	9	1		
Cabeceira em xisto	122	3		
Cabeceira em telha	1			
Cabeceira em mármore	1			

Tabela nº 2

Os indivíduos até agora exumados revelam a existência de dois tipos de enterramento: o individual com um total de 692 (Fig. 15) e o coletivo com 82, sendo que neste último observámos três realidades diferentes:

- 1-Enterramento coletivo primário com redução de um ou mais indivíduos em seu redor. (Reutilização da sepultura) (Fig. 9).
- 2-Enterramento coletivo primário de dois ou mais indivíduos em simultâneo (Fig. 10).
- 3-Enterramento secundário (ossários ou carneiras).

Contudo, verifica-se a existência de três casos em que não foi possível determinar o tipo de enterramento devido ao elevado estado de fragmentação e degradação do material ósseo:

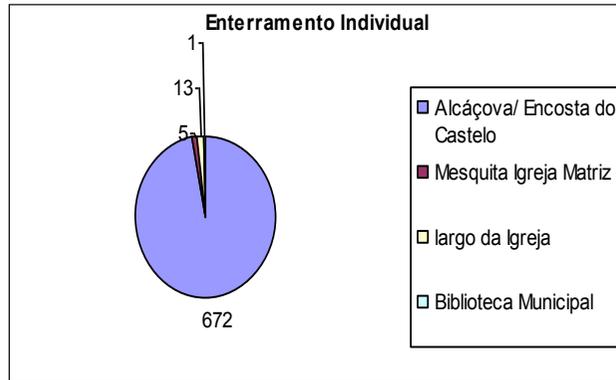


Gráfico nº 3

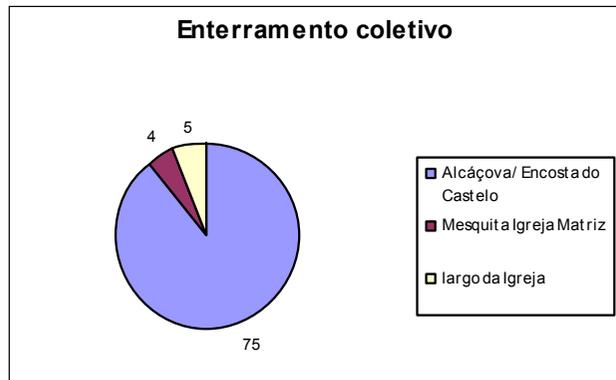


Gráfico nº 4

Quanto à exumação dos indivíduos, esta revelou que estão presentes diferentes deposições para as cinco tipologias, isto no que respeita à colocação do cadáver na sepultura:

- 1- Decúbito dorsal está presente em 713 das sepulturas exumadas (segue a regra dos enterramentos cristãos, na grande maioria dos casos com a cabeça orientada a W e SW) (Fig. 11).
- 2- Decúbito ventral, apenas se registaram 2 casos, dois indivíduos adultos do sexo feminino, ambos com a cabeça orientada a W. Esta posição pode estar

Fig. 15 Enterramento individual – Sep.519.

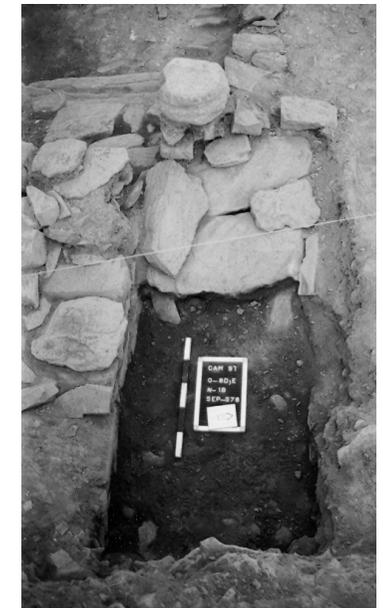


Fig. 16 Cobertura parcial – Sep.578.



Fig. 18 Cabeceira revestida por laje de xisto – Sep. 500.



Fig.17 Cobertura total – Sep. 571.

relacionada com um acto de punição, pela prática de bruxarias (Assis 2007) (Fig. 12).

3- Decúbito lateral direito, constatam-se 7 indivíduos com esta tipologia, no entanto apenas 2 adultos/masculinos são consistentes com a orientação S/N, prática utilizada em necrópoles islâmicas, o que nos tem vindo a suscitar algumas dúvidas. Os restantes apresentam a cabeça orientada a W ou SW, pertencem a indivíduos adultos de ambos os sexos, sendo apenas um infantil. Somente um indivíduo apresenta a cabeça orientada a NE, no qual não foi possível determinar o sexo e a idade (Fig. 13).

4- O Decúbito lateral esquerdo está representado em 8 sepulturas, sendo que destas, 5 estão orientadas a W, uma a SW, uma a Sul e uma a Este. Cinco dos casos são infantis, de sexo indeterminado, um adulto masculino e um adulto feminino, sendo que num dos casos foi impossível determinar o sexo e a idade. Nesta necrópole com o elevado número de sepulturas já escavadas, estão ainda presentes indivíduos que apresentam a cabeça orientada a NO, SE e N (Fig. 14).

	Alcáçova/ Encosta do Castelo	Mesquita Igreja Matriz	Largo da Igreja	Biblioteca Municipal
Decúbito dorsal	687	7	18	1
Decúbito ventral	2			
Decúbito lateral direito	7			
Decúbito lateral esquerdo	8			
Indeterminado	44	2	1	

Tabela nº 3

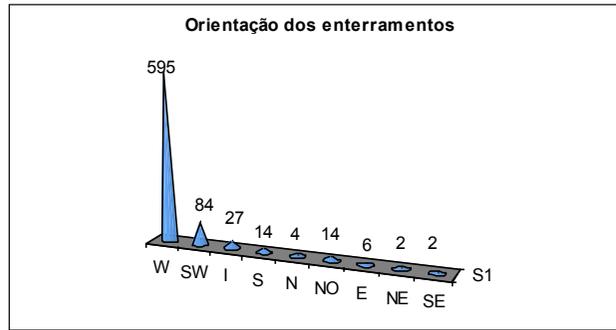


Gráfico nº 4

Apesar do número de sepulturas escavadas algumas questões continuam sem resposta. Qual o porquê de tantas orientações diferentes? Sabemos que nem sempre as crianças obedecem à regra, mas os adultos? É apenas uma questão de aproveitamento do espaço?

Só o continuar dos trabalhos arqueológicos e antropológicos poderão fornecer e acrescentar novos dados para dar resposta a algumas destas e de outras questões que vão surgindo.

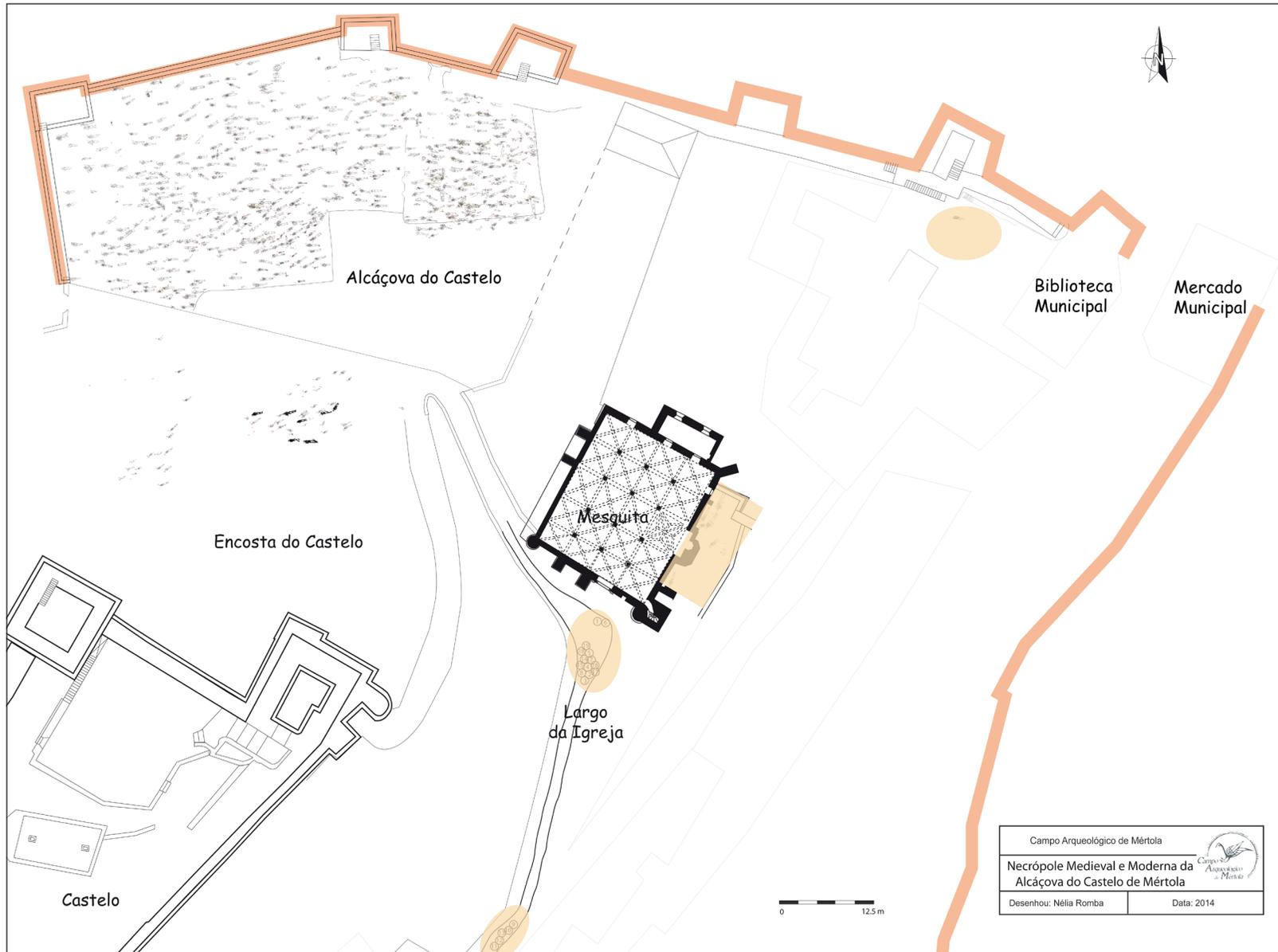
O estudo das sepulturas e dos rituais funerários associados ao estudo antropológico, que até agora apenas foi efectuado numa pequena amostra que corresponde a 265 sepulturas, perfazendo um total de 331 indivíduos analisados, está a permitir a caracterização da sociedade/ população de Mértola na Baixa Idade Média e nos alvares do Período Moderno. Em particular o seu modo de vida, crenças religiosas, rituais funerários, hábitos alimentares, saúde e em alguns casos, as actividades a que se dedicavam as populações.

Muito existe ainda por dizer visto que este é um trabalho em progresso, uma vez que, as escavações prosseguem nesta necrópole e todos os anos são exumados novos indivíduos, possibilitando a continuidade do estudo e também a análise

Fig. 19 Cabeceira revestida por telha – Sep.42.



Fig. 20 Cabeceira revestida por mármore – Sep.121.



Planta 1 – Necrópole Medieval e Moderna – Alcáçova do Castelo de Mértola

dos dados mais antigos.

BIBLIOGRAFIA:

Assis, S. (2007): *A memória dos rios no quotidiano dos homens: Contributo de uma série osteológica proveniente de constância para o conhecimento dos padrões ocupacionais*. Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra.

Campillo, D. (2004) : *Antropología física para arqueólogos*, Barcelona, Ariel, 1ª ed.

DGEMN (1953): *Igreja Matriz de Mértola. Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*. Ministério das Obras Públicas, nº71.

Gómez, S. (coord) (2008): *Alcáçova do Castelo de Mértola 1978-2008: trinta anos de arqueologia*, Mértola: Câmara Municipal.

Lopes, V. (2004): *Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do cristianismo*, CAM, Mértola.

Macias, S. (1996): *Mértola islâmica: estudo histórico-arqueológico do Bairro da Alcáçova (séculos XII - XIII)* Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

Macias, S.; Torres, C.; Boiça, J.; Barros, M.; Gómez, S. (2011) *Mértola mesquita/Igreja Matriz*, Mértola, Edição do Campo Arqueológico de Mértola.

Olivier, G. e Demoulin, F. (1984): *Pratique Anthropologique à l'usage des étudiants*. Université Paris VII., Paris.

Torres, C. (1995): "Mértola na época islâmica: o espaço doméstico", *Ethnoarchéologie méditerranéenne*, pp. 105-119. Madrid, Casa de Velázquez.

Ubelaker, D. (1989): *Human Skeletal Remains: excavations, analysis, interpretation*. Taraxacum Washington, Washington, 2 edition.